

ENTREVISTA SEU TIÃO

A - Então em primeiro lugar se apresenta seu Tião.

T - Eu sou Sebastião Silva de Souza ,nascido em Perus ao 7 de novembro de 1993 sou casado com a dona Aparecida Pereira de Souza tenho 6 filhos 9 netos e 2 bisnetos resido à rua Felipe Cardoso de campos 348 vila Caiuba em Perus

A - Fala um pouquinho também do seu envolvimento com essa historia de trabalho comunitário.

T - O meu inicio da minha, da minha... do meu envolvimento nos trabalhos sociais e comunitários foi mais ou menos por volta de 1970! 69-70 por ai assim por intermédio da igreja católica que eu fui... fui... eu despertei para, para essas coisas. Ate então eu não ligava muito pras coisas mais a gente tinha passado antes por uma experiência da greve da perus. Eu tinha uns 7 meses de firma quando começou a greve da perus em 14 de maio de 62, então a gente já tinha apreendido alguma coisa e nesse tempo também começaram a funcionas as comunidades eclesiais de base de Perus um trabalho que foi feito antes por umas missionárias do instituto cristo missionário da vila Guilherme e depois vieram aqui pra Perus os padres mãofortinos em 68 e eles começaram a incentivar a gente .Ai eu comecei a despertar para a responsabilidade de olhar pras coisas que eu não tinha que... que lembrar que só eu tinha problemas ,que todo mundo tinha que eu deveria ajudar e... essa vivencia de dentro da comunidade onde a gente tinha toda a liberdade de se encontrar com os irmãos e colocar os problemas que a gente tinha, todo mundo ajudava pra resolver,a gente dividia enfim as alegrias, as tristezas ... e... isso me ensinou muito e me deu essa responsabilidade de saber que como cidadão perante a lei eu tenho alguns deveres a cumprir também, né?

E ao mesmo passo que eu comecei a sentir também que não é só eu que tenho o dever mas o Estado também né tem a obrigação de... de muita coisa, né? E aí foi que a gente começou... é... do movimento do lixão, nós tivemos que sair pra rua brigar contra o lixão.Teve o... o... a implantação do Recanto dos Humildes na Rua Julio Maciel nós tivemos a oportunidade de enfrentar até divergência com pessoas da própria comunidade que achavam que, que não deveria se receber aquele povo ali ,aquelas famílias no Recanto. E daí pra frente a gente foi... aí começou a aparecer o lixão a... o... movimento contra o pó de cimento. Teve,foi uma briga meio desagradável, né?Que a gente enfrentou contra o poder publico. então tem uma coisa: eu nunca fui preso , sempre vivi envolvido nesses movimentos mas nunca fui preso porque justamente as autoridades gostam de prender as grandes ...as pessoas mais...mais esclarecidas, mais... mais diretas na ...na briga. Eu sempre é...aprendi a lutar junto com as pessoas , nunca fiz nada sozinho. e aí eu vi nascer o Recanto dos Humildes , né? A parte de lá onde... e aí é... eu vi aquilo crescendo , o povo correndo , vindo , é...fazendo o seu barraco pra fugir de onde estáva, fugir de aluguel e...eu sempre apoiei a luta...essa luta. Porque também envolvia a educação, transporte , saúde e principalmente na saúde. Quando iniciou-se

o...o... o primeiro...o PSF iniciou no Recanto dos Humildes a gente sempre procurou estar lá, a gente tinha amigos como a Madalena, o Agenor, né? Eram amigos que a gente estava sempre juntos ,trocando idéias. Frequentava o conselho de saúde junto. Enfim, o...com essas pessoas eu aprendi muita coisa. E... o Recanto , o PSF do Recanto teve lá uma porção de vai e vem, né? Começou numa casinha alugada lá do lado , depois mudou pra escola de lata que era ex- escola de lata e finalmente por intermédio da...da...da...dos padres jesuítas do centro pastoral santa fé, a Madalena e o Agenor e mais outras pessoas conseguiram(ênfase) que os padres jesuítas ajudassem lá, a construção do...do PSF do Recanto. Apesar de ser assim pra...para a secretaria da saúde do município , isso ser uma coisa clandestina, a gente topou isso.topou e tanto é que saiu isso, concluiu-se a obra. Tanto é que eu tive que participar no dia da mudança do PSF... Que foi , a meu ver , uma coisa muito...muito bacana, né? A gente ver os padres jesuítas, Agenor, Madalena ,o...as assistentes sociais, as agentes de saúde. Todo mundo andando quase um quilometro com peças na cabeça, no braço, pra de...pra mudar lá no Recanto.a... quando a gente percebeu que a secretaria teria ate mesmo a coragem de tentar punir a Madalena porque era a...a gerente, enfim punir todo, todo o povo com aquela ordem dizendo que aquilo era clandestino, a gente procurou pessoas influentes , como o bispo da região , pedimos apoio a ele e ele nos ajudou muito nisso. E enfim hoje o Recanto , o PSF do Recanto é uma realidade, né? Com todos os problemas que nós temos, que a secretaria da saúde não cuida da parte que ela deveria cuidar, que seria: ter lá no ...no Recanto dos Humildes os médicos , os enfermeiros, enfim todo o aparelhamento suficiente para que aquilo funcione atenda. Mas assim mesmo precariamente eu...eu vejo um grande esforço do...das agentes de saúde, dos enfermeiros e dos médicos que estão lá, de procurar atender o povo e para a população de Perus principalmente o...o PSF do Recanto ajudou muito porque diminuiu em parte o numero exorbitante de consultas que era feita na UBS daqui da praça do samba e o atendimento do pronto socorro. Então pra mim é...eu vejo assim , isso , e acho que isso realmente foi uma vitória da...da população de Perus , vitória do povo do Recanto dos Humildes em conseguir a implantação do...do PSF e ver o que hoje está.

A - O senhor acha que foi uma resposta a uma luta daquela comunidade ou assim...foi um PSF , vamos dizer assim “de mão beijada”?

T - Não! Foi uma resposta a luta porque era uma coisa pensada há muito tempo. Muito tempo já se pensava . A saúde era uma preocupação muito grande. Eu lembro que estiveram no Recanto um tempo , os médicos sem fronteiras, fazendo uma pesquisa lá e o foco principal da...da...da...das perguntas deles era...era o problema da violência, né?E ...eles não foram bem atendidos ,que as pessoas se negaram a dar informações sobre a violência, mesmo famílias que tinham sido...sofrido problemas de violência, não quiseram se declarar , né?E aí depois...então quando eles disseram que era impossível , era inviável eles implantar , trabalhar aqui no Recanto, aí eu acho que isso é... despertou mais ainda a vontade do...do...da população em lutar por um sistema de saúde melhor que é o PSF.

A - E tinha na época o conselho popular?

T - Tinha o conselho popular de saúde

A - Fala um pouquinho do conselho popular , seu Tiao. Que ele é um pouco diferente do que é o conselho gestor , não é?

T - É... o conselho popular de saúde , eu digo que sim...eu defino assim que ele é uma espécie de pai , né? Porque no conselho de saúde tem todos os...participam todas as pessoas, os conselheiros dos conselhos gestores, de UBS, de pronto socorro...então juntando toda essa gente era ...tudo que a gente...toda reivindicação que a gente fazia era em nome , através do conselho popular de saúde para determinadas unidades, né? Como pronto socorro, UBS,e...e outras coisas. Então ele era...eu digo assim que era o grupo maior que tinha toda ...tinha uma visão, eram todas as pessoas que tinham uma visão geral da necessidade do...da melhoria de saúde no bairro inteiro. Ninguém olhava só para a minha vila, minha rua, não! Olhava de uma forma geral pra toda necessidade do..da população de Perus e principalmente do Recanto dos Humildes.

A - E ele era autônomo assim ? ou era ligado a secretaria?

T - Nós tivemos que fazer... houve uma eleição, tem um regimento interno, foi aprovado em assembléia e ... a gente tem uma ligação com a secretaria.

A - Arram. É reconhecido...

T - É reconhecido porque a secretaria teve que publicar , mandar publicar o nome de todos os conselheiros e...entao é..

A - É igual assim...parte funcionário...parte população ou é só população nesse conselho?

T - Não! Tem 50% de...25% da administração, 25% de trabalhadores da saúde, 50% da...da... dos usuários.

A - E ainda funciona o conselho?

T - Ainda funciona, se bem que agora com a nova administração ,quis trocar de ... de coordenação de saúde de norte...não sei o que , não sei o que. Pra nós, nós somos ainda o conselho popular de saúde de Perus.

A - E continua o grupo pensando como pensava antes?

T - Continua como pensava antes e com muito mais vontade de brigar agora porque...

A - É mesmo?

T - Com essa intenção do...do prefeito de sucatear toda a saúde , pra nós é uma preocupação muito grande e a gente percebe que não se pode ficar calado ,porque nem mesmo os nossos vereadores, não nos apoiaram , né? A gente não esquece nunca que essa lei que foi aprovada na câmara pra que a prefeitura, a secretaria pudesse entregar para as organizações sociais os equipamentos de saúde... isso foi aprovado de madrugada...na...na calada da noite, né? E então a gente percebe que não pode , tem que ficar mesmo esperto , olhando sempre e prevenindo para que a gente...pra que não deixe as coisas piorar ,mais do que está.

A - Vigindo, né?

T - Isso. Vigindo sempre.

A - Esse conselho começou em que ano?

T - Ai agora...

A - Mais ou menos?Tem quantos anos? Era gestão de quem?

T - Era gestão da...da Erundina, oitenta...89, né ?89-90

A - Aí passou Maluf, Pitta...

T – Passou Maluf com o PAS , aquela tranqueira toda. A gente sempre fez muita oposição ao Maluf e depois veio o Pitta, enterrou praticamente a ... o sistema de saúde. E... depois veio a Marta que era a esperança que a gente tinha de que ela , sendo do partido que a gente militava, de que ela iria dar uma atenção maior para a saúde, ela também não deu toda atenção necessária, né? Enfim passaram e chegou no que está hoje.

A - Como é que consegue superar tantas mudanças aí , seu Tião , e resistir? O conselho resistiu a muita historia, né?

T - A gente é obrigado , né? Obrigado a resistir, obrigado a se manter firme porque a audácia dos que querem a... estragar ou denegrir o trabalho da gente é muito maior. então nós só temos a força, por exemplo: nós podemos dizer do conselho de Perus , no momento não temos nenhum vereador que a gente possa...que possa dizer pra gente: “olha, eu vou acompanhar vocês nessa luta, em tal lugar, em tal audiência.” Não temos mais, as pessoas que...temos amigos, alguns amigos que...aceitam ,é... recebem as

reclamações da gente , procuram encaminhar, né? Mas vereador mesmo, a gente não tem mais.

A - É difícil, né?

T - É! E agora quando chegar a eleição , a gente vai ter que dar a resposta pra essa gente , né? Eles vão ter que receber a resposta... e aí a gente espera que o povo , o usuário como nós, saiba reconhecer que ...que as coisas não andam bem e que se estão como estão é porque existe ainda os conselheiros gestores, o conselho popular de saúde que... continua aí lutando , né?

A - Fala um pouquinho ...essa historia da mudança , assim é... que o senhor participou... explica um pouquinho por que teve que mudar....por que foi o conselho que foi fazer a mudança lá? Do Recanto , do PSF ... eu lembro do senhor nesse dia, eu ta va lá , o senhor lembra?

T - Eu lembro de você. A gente tinha que tomar uma atitude e fazer mesmo alguma coisa porque senão a prefeitura ia enrolar a gente. Secretaria ia enrolar a gente e reprovar o prédio e não ia deixar . E... e... e na situação e no local que estava , é... na escola de lata... É da secretaria de educação , da cultura, como é que vai...uma secretaria não pode invadir a área da outra e...tomando um prédio , né? Então a gente viu... era a necessidade, ou vai ou então morre , né? A historia de morrer ou matar, então a gente ... foi assim...era necessário mudar e...pra ter uma coisa melhor organizada, um espaço físico melhor e tudo , né? O mais difícil foi através do Agenor que foi conseguido a área, né? Porque era da associação , dos moradores, né? Eles cederam a área e...e aí foi regularizada e construiu-se então . Mas a mudança era necessária, e nós fomos lá para incentivar o povo de lá a caminhar junto com a gente, né?Se bem que no dia da mudança teve muito pouca gente lá do Recanto ajudando...

A - Da população , o senhor fala?

T - Da população

A - Mas dos funcionários?

T - Funcionários ajudaram todos, eu acho que todos, todos mesmo. Então era mito bonito ver desfile daquela gente na rua carregando as coisas. É isso!

A - O senhor acha... acho que até o senhor já falou um pouco mas só pra... que o PSF lá trouxe alguma mudança pra comunidade de lá? A presença do PSF ali? O trabalho do PSF?

T – Trouxe.

A - Em que sentido o senhor acha?

T - Diminuiu a violência.

A - O senhor acha que diminuiu?

T - Diminuiu, diminuiu, diminuiu sim, né? E... o povo, puxa vida! O cidadão que às vezes ficava doente, teria que caminhar uma distancia para ir até a UBS, de repente tem no... no seu bairro uma agente de saúde que vai visitar na casa....que fica... começa a acompanhar , a pessoa , solicitando se precisa de... de enfermagem ,ela solicita...se é a visita do medico, solicita, marcando é... providenciando exames, né? Exames que a pessoa precisa. Eu acho que tudo isso foi muito, foi muito bom.

A - E o senhor vê diferença na mobilização da comunidade ou não?

T - Ah...aí eu tenho uma reclamação, viu? Eu acho que ...aquela coisa que acontece , né? Briga-se por uma coisa, quando consegue: “agora eu não preciso mais correr atrás de nada”. Eu noto isso um pouco lá, no Recanto.

A - Que teve uma mobilização toda pra conseguir...

T - É... é... e os aproveitadores, os políticos aproveitadores que...continuam chegando com os adeptos deles , né? Cada um dizendo:! Não eu...eu ajudei...não sei o que , não sei o que” as vezes não ajudou nada (ênfase) né?mas para as pessoas menos esclarecidas , consegue, conseguir...consegue votos para esses ...esses políticos , né? Que não fizeram nada mas...

A - Usando o PSF? Como...

T - Usando o PSF : “ah o PSF é luta nossa! Olha aí , ó ! fulano de tal mandou oficio pra secretaria , falou com não sei que, não sei que.” Falou nada! Mas, né? Usa!

A - E podia ter ido então um pouquinho mais longe?

T - Poderia ter conseguido nossa... até mesmo uma luta por um hospital que Perus precisa né?! Houve um tempo que eu achava que Perus não tinha necessidade de... de hospital porque eu pensava assim , se a secretaria implanta uma UBS em cada vila de Perus, a UBS vai fazer aquele trabalho, equipa ela toda ,a UBS vai fazer aquele trabalho de prevenção, né? O pronto socorro fica para um atendimento de emergência e os casos de internação a gente teria... mandaria para o hospital de taipas. Mas agora ta tudo ruim, o hospital de taipas ta caindo pelas tabelas, a UBS que a gente... As UBS que a gente pediu não vieram ,né!? E o PSF do Recanto só não vai dar conta.

A - Quando tem de população em Perus toda?

T - Perus ...porque aqui é Perus e Anhanguera, né? Então a população entre Perus e Anhanguera já estima-se em 140 mil pessoas , né? Nós estamos vendo construir ali na vila Caiuba um PSF , então vamos ver quando que inaugura e esse também já vai diminuir um pouco o numero do... de pessoas que vão procurar ...

A - Que o senhor acha que atrapalha de concretizar esses pro...projetos todos?

T - De construir, de....de... de construção de melhoria da saúde?

A - É.

T - Falta de vergonha de...de...de... falta de vergonha, falta de capacidade de...da prefeitura . Não tem...quantos , quantos bilhões de...foi...foi reservado para a saúde nesse ano no município? Foi três bilhões? Três bilhões , não é? Então ! Eles pegam esses três bilhões, jogam tudo na mão da...das...das organizações sociais e não cumprem, não fazem aquilo que é necessário, né? Então se chega aí no...no...no...é...são equipamentos que faltam , contratar médicos e tudo, né? É isso que eu falo: é incapacidade de administrar da prefeitura. É por isso que existe isso.

A- E ao longo do tempo , aí? O senhor viu muita...muita coisa acontecer , né?

T- Muita coisa acontecer! Mas é gozado que...não sei ...existe uma coisa na cabeça do...do ...do nosso povo que só lembra de correr quando apertou demais, não tem jeito mesmo, não tem saída. Então aí a pessoa lembra e... Perus acho que é um lugar marcado por lutas demais, né? Sempre luta, a gente nunca ta sossegado, uma hora...agora tem luta contra o pedágio...no do lixão, que querem implantar de novo em Perus. O transporte melhorou um pouquinho, mas precisa melhorar mais, o trem , precisa melhorar mais , né?Saúde , ta toda avacalhada. educação, né? Quer dizer,não termina nunca; nós temos mais “faltura” do que “fartura” (risadas) tem mais faltura de...de...de...de coisas do que fartura.

A - E aí é um estímulo pra lutar? Por que aqui se luta tanto? Que tem lugar que tem muita “faltura” mas não se luta tanto! Qual é o segredo?

T - O problema é...é as necessidades que são maior, né? E obriga a pessoa a se mexer.

A - O senhor acha que é isso?

T - Sim ,porque olha... pra quem viu uma luta de sete anos contra o J.J.Abdala ...

A - Eu acho que tem escola aí , né? seu Tião?

T - Né? Tem porque , é aquela historia: a gente tava ...ele encostou...encantoou como se fala,encantoou a gente e falou: “eu vou esmagar vocês!”. e aí a gente teve que se mexer e...conseguir não ser esmagado por ele. Eu acho que isso foi, foi crescendo na...na...dentro da gente e..agora eu não sei se a gente vai conseguir passar isso pra filhos, netos , bisnetos.

A - É esse o desafio , né?

T - Mesmo com referencia a ..ao problema da...da greve da Perus, a gente fala com as pessoas...netos, filhos ...muita gente não sabe, não fala, não quer falar, né? E... luta do lixão, problema de saúde, aí... a gente tem que levantar de madrugada pra fazer manifestação contra lixão...eu acho que...não sei também se vai... se vai ter alguém pra lembrar disso!

A- como é que se consegue manter essa memória viva assim? (silencio) bom...vocês, né?

T - É , porque ...sabe, a gente...eu acho que a gente apanha tanto que no fim a gente fica sempre assim é...desconfiado que de repente vai acontecer alguma coisa ruim e que a gente precisa ta sempre prevenido , ne? Então principalmente, no...no...na questão da saúde, nós somos um grupo que sempre está conversando, se encontrando e procurando ver e pensando já, acompanhando o que que...que que estão fazendo de... de , de ...que que ta acontecendo de novo, que que vai prejudicar a gente ou não. Precisa ta sempre desconfiado, né? Pra não ser pego de surpresa.

A - Ta jóia! Tem mais alguma coisa que o senhor queria falar assim?

T - Não...eu não fiz esquema nenhum...não lembro de mais nada, não

A - Eu vou escrever , né? Isso que a gente conversou , aí eu vou devolver pro senhor, aí, se o senhor achar que tem mais coisa nessa historia que o senhor quer contar, a gente combina...é muito gostoso escutar...

T - Ah! Tem um episódio de saúde aqui que eu vou contar pra você...

A - Conte...

T - Então eu tinha uma filha com uns, é...três anos e pouco, quatro anos...no tempo da... na greve da Perus, e existia ...alugaram uma sala aí na vila Hungareza... a secretaria de estado alugou uma ...uma sala e colocou lá um medico e uma enfermeira, né? Pra a tender assim, principalmente as crianças, né? e um dia uma minha filha teve

desidratação, mas não...diarréia brava mesmo, né? E a minha mulher foi levar a menina no posto de saúde...no...no...no postinho lá. E chegou lá, a enfermeira não deixou o medico atender a minha filha e era o tempo da greve, então a noite, nós íamos na assembléia aqui no... no sindicato e...vinham uns médicos quintanistas lá da ... da faculdade de medicina e vinham e davam atendimento aqui pro pessoal. E naquela noite a minha mulher veio e trouxe a minha filha, o medico que atendeu falou: “desde quando essa menina está assim?” minha mulher falou: “ ah! Desde ontem” falou “ mas dona, a senhora tem coragem de deixar a sua filha ficar nessa situação?” aí ela falou: “não...eu fui no medico, mas cheguei lá no postinho, o medico não quis atender”. Aí tomaram o nome do medico, no dia seguinte veio...naquele tempo era o jornal ultima hora... foi na minha casa, tirou foto de tudo jeito, no dia seguinte saiu no jornal “medico de...de...de...do Abdala não quis atender filha de queixada” e aí a enfermeira foi exonerada.

A - Olha só!

T - Foi exonerada! Então o problema da saúde desgravado de mim(risadas)

A - E quando foi isso, seu Tião?

T - Foi em 62 isso!

A- 62?

T - É

A - É o pessoal da USP que vinha? Estudante da USP?

T - Eu não me lembro bem se era da USP.

A - Ou de Jundiaí?

T - Não !, acho que era da USP porque o maior conta o que tinha com o pessoal era na USP.

A - E eles participavam das discussões também, não?

T - Participavam, eles acompanharam muito.

A - É?

T - É...e naquele tempo tinha a juventude ...a JOC a juventude operaria católica e...e eram a maioria estudantes...os estudantes ali do ... do São Francisco. Eles vinham e participavam muito com a gente, piquete e tudo com a gente.

A- E os da medicina também?

T – Da medicina também com a gente.

A - E o senhor lembra de algum, assim que ficou famoso?

T - Não, não, não lembro , infelizmente não lembro, não lembro. Às vezes quando a gente encontra, a gente...agora com...dos...do...do movimento operário , eu encontro sempre, é muito meu amigo Waldemar Rossi, né?Waldemar é um amigão e um lutador que esteve aqui naquele tempo, lutou com a gente aqui, né? Mas do...do...do ...dos médicos, sinceramente não me lembro não...não me lembro. As vezes a gente...acontece como aconteceu com você, de repente vem e diz assim: “ você não lembra de mim?” “de quando? Onde?” “ da greve e tal..” “ ah , bom, então...estava lá” mas gravar assim nome , essas coisas, não...

A - O senhor acha que todas essas historias todas aí assim , são o embriãozinho lá dessa luta pelo...próprio PSF? Dessa luta pela saúde?

T - (silencio) foi! Foi sim porque a gente foi descobrindo as maneiras , né? De ...que existe é...é ...existe o direito que a gente tem e existe o direito de exigir que o estado cumpra o dever dele, né? Então ...eu acho que dessas...dessas pancadas todas que a gente tomou é...foi...foi...a gente foi aprendendo que...que daí foi nascendo essa...até chegar no Conselho Popular de Saúde, né?

A - Quem mais o senhor acha que era, que participava assim , que o senhor acha eu foi importante pra construir o PSF lá? O senhor falou o seu Agenor, da Madalena, te o senhor ,o seu Felipe e quem mais que o senhor acha?

T - Tinha o Mario, a Célia, o... quem mais? O Felipe já estava.

A - O Mario era do conselho também?

T - O Mario era do conselho municipal de saúde. Foi conselheiro municipal. O Mario foi conselheiro municipal. A Célia também foi do conselho municipal.

A - Eles estão aqui em perua ainda?

T - Estão aqui em Perus ainda. Olha...agora eu não consigo me lembrar mais de todo mundo mas é...e' o pessoal ..eles são assim uma espécie de ...agora , porque eles vivem

com mil tarefas aí pra cumprir...então eles são uma espécie de consultor pra gente, né?
A gente quando ...a gente com alguma dificuldade...ah! tem o Dimas também...

A - Eles são todos de Perus?

T - Todos de Perus.

A - E estão no conselho municipal de saúde ainda?

T - Não, agora não estão mais , né? Eles foram conselheiros, ne? Mas é o tipo de pessoal que a gente procura sempre pra ta...ah! Tem também o Tião do Anhanguera, né? Tião do anhanguera, marido da Madalena. Ele também ajudou na mudança lá, do PSF . O...na mudança...bom foram os padres jesuítas, o padre Miguel, o Passos, o Paulino ajudou a gente lá e...mais esse pessoal, o Mario, a Célia , Dimas são um tipo de consultor. Quando a gente tem alguma dificuldade... jurídica ou qualquer coisa assim,.a gente sempre procura conversar com eles , e se orientar.

A - E eles participaram das primeiras discussões?

T- Das primeiras discussões. E uma pessoa aqui do nosso meio muito importante é o Felipe que foi conselheiro municipal também, né? Então ele conhece todo aquele povo lá da...da secretaria, então encaminhamento, de protocolamento, de...de... de... de ofício e brigar pelo... pelo... pelo...bairro lá dentro do conselho, o Felipe também fez muito disso lá! Junto com esse pessoal.

A - Tá bom, vamos conversar com o seu Felipe , então!

T - Nossa! acho que foi uma hora já!

A - Não 40 minutos...